

Entre o fio de Ariadne e o leito de Procusto: Reflexões sobre a (busca da) qualidade na educação brasileira

p. 91 - 96

Ederson Luís Silveira ¹

Resumo

O presente trabalho descritivo, de natureza qualitativa, visa a trazer reflexões acerca da recorrência do conceito “qualidade” a partir de trabalhos que se referem à criação ou problematização de ações relacionadas às políticas públicas da educação no Brasil. Dessa forma, a partir de uma pesquisa bibliográfica que percorre os estudos de Machado (2012), Dourado (2007) e Gadotti (2013) propõe-se averiguar como os autores percebem a desconstrução do próprio termo. Assim, objetiva-se situar modos de perceber o termo “qualidade” e as implicações de seu uso a partir das considerações dos autores mencionados. Os resultados apontam para uma crítica à mercantilização da educação e das políticas que visam a transformar a educação em um mercado de investimentos. Isso porque o próprio modo de perceber as definições de qualidade pode implicar em (re) direcionamentos distintos de ações para alcançá-la.

Palavras-chave: Qualidade. Educação. Desconstrução.

Abstract

The objective of the present work is to reflect about the recurrence of the concept ‘ quality ‘ in the works that refer to the creation or questioning of actions related to public policies of education in Brazil. Thus, by bringing together several texts relating to the subject, it should be noted that some authors, like Machado (2012), Golden (2007) and Gadotti (2013) propose the deconstruction of the term itself, before they think of initiatives aimed at improving the national education scene, as well as the deconstruction of what comes to be education and about the ways she has been seen in various contexts. Here if criticizes the commercialization

of education and policies that aim to transform it into a market of ‘ investments ‘. That’s because the own way of perceiving quality settings can result in (re) distinct directions of actions to achieve it.

Keywords: Quality. Education. Deconstruction.

Introduzindo o percurso

Falar em qualidade da educação implica questionarmos o estado atual de qualidade na educação. E, se direcionarmos nosso foco de interesse para o âmbito nacional, veremos que há uma série de iniciativas que foram sendo incorporadas às políticas públicas bem como diversos espaços de discussão foram sendo

criados ao longo dos anos para discutir o desafio de alcançar a tão sonhada qualidade.

O título deste trabalho comporta dois mitos. Primeiramente, temos o mito de Ariadne, filha do Rei Minos que salva Teseu por causa do fio de novelo que oferece a ele para que desenrole no interior do labirinto do Minotauro e encontre a saída. Em segundo lugar, temos o mito de Procusto, o gigante grego que pretende a todo

¹ UFSC

custo fazer os viajantes caberem em sua cama, ora cortando partes do corpo deles, ora esticando-os até que os ossos não aguentem mais.

Em que se justifica a presença dos dois mitos? Nossa referência à situação da busca da qualidade da educação brasileira passa por estas duas metaforizações. Estamos em um labirinto em que tecemos fios para encontrar a saída porque Ariadne (metáfora das soluções “práticas”) nos abandonou. E agimos como Procusto, pois, cada vez que criam iniciativas, cortamos de um lado, esticamos do outro para “adequar” a situação às nossas necessidades imediatas. O fio se rompe no meio do caminho e é preciso recomeçar a procurar. A cama muda a cada instante. É necessário encontrar outros modos de utilizá-la.

Neste sentido, o presente trabalho, de cunho documental, pretende apresentar problematizações acerca do que é essa tal qualidade e até mesmo o que vem a ser esta educação que é fruto de tantas utopias. O caminho está repleto de incertezas, mas nem por isso se pode aceitar a condição, na qual estavam os homens da caverna de Platão. Talvez nem consigamos dissipar as sombras do nevoeiro que nos encobre. Mas essa não é a intenção, trazer respostas prontas e imediatas, o que se pretende é acrescentar outras visadas. Ao menos para não tomar o caminho de Procusto...

Onde está a qualidade? Trilhando os passos da incerteza

As políticas públicas da educação são, basicamente, ações que visam à melhoria nas condições da educação de determinada região. No caso brasileiro, podemos visualizar as ações dos estados, do governo federal e dos municípios, por exemplo, voltadas para a resolução de problemas associados à falta de qualidade da educação. Vale ressaltar que as políticas públicas não se reduzem a um conjunto de ações, já que haveremos de

levar em conta os impactos dessas ações e as consequências que as concepções de educação, de qualidade e de ensino que cada política pública traz por base.

Sobre a educação no país, podemos mencionar que a recorrência de índices alarmantes em classificações internacionais faz com que cada vez mais se afirme a necessidade de promover a qualidade para que a situação se reverta. Diversos eventos científicos abordam o tema e sugerem problematizações acerca do assunto visando à reversão do quadro (ou redirecionamento de ações para obtenção de melhores resultados). Nunca se falou tanto em busca de soluções para obter a tão sonhada qualidade na educação. Mas o que vem a ser qualidade?

De acordo com Gadotti (2013), isto pode ser percebido a partir de diversos pontos de partida, podendo apontar para a busca de objetivos antigos ou em função de um currículo em mudança. O autor menciona a relação entre qualidade e quantidade, não como efeitos sinônimos, mas como complementares entre si, já que qualidade para poucos não é qualidade, é necessário expandir o alcance dos efeitos benéficos na sociedade. Dessa forma, para ele, a qualidade da educação precisa ser encarada de sistematicamente, pois, a educação só pode melhorar no seu conjunto.

Neste sentido, torna-se necessário que se reflita sobre o cenário político pedagógico em que se realizam as ações direcionadas à educação básica, e as implicações que o emprego da ‘qualidade’ visada implica. E isso deve passar pela percepção até do tipo de qualidade almejamos e o que entendemos por qualidade. Outro autor se propõe, então, a analisar “as perspectivas e os progressos dessas políticas, sob a ótica de novos parâmetros para a qualidade e gestão democrática da escola pública.” (DOURADO, 2007, p. 921).

Para Machado (2012) é necessário que haja a desconstrução do conceito de ‘qualidade’

e ‘democratização’ continuamente referidos nos discursos inseridos/advindos das políticas públicas destinadas à educação. Dessa forma, pode-se perceber que os autores mencionados se referem ao modo como se pensa verticalmente na aplicação das políticas públicas, criticando, cada um a seu modo, a forma como, a partir da centralização de medidas que visem um conceito de qualidade relacionado às ações de mercado a educação nacional é percebida em muitos contextos. Aqui qualidade está associada a recursos materiais e a rankings de instituições, a provas que “atestem” a eficácia dos ensinamentos.

Em relação a políticas públicas no cenário nacional, Dourado (2007) menciona o Plano de Desenvolvimento da Escola; o Programa Dinheiro Direto na Escola e o Programa Nacional de Fortalecimento de Governos Escolares. Para o autor, a criação de tais medidas é positiva, porém o modo como elas estão articuladas em relação à implementação nas escolas é que é negativa, pois tem “favorecido ações sem a devida articulação com os sistemas de ensino, destacando-se particularmente, gestão e organização, formação inicial e continuada, estrutura curricular e processos de participação (DOURADO, 2007, p. 926).”

Para Machado (2012), é importante assinalar, no contexto nacional, o movimento **Todos pela educação**, constituído a partir da coalizão de empresários e grupos econômicos, se constituiu a partir de projetos para o Brasil e uma agenda de iniciativas. O fato é que, apesar de ser uma iniciativa necessária, é preciso que haja iniciativas em relação às políticas implementadas para a melhoria das condições de ensino e para o retorno dos saberes produzidos na escola em favor população. Caso isso não ocorra, ela se torna uma iniciativa oportunista, pois visa ao interesse dos grupos “unidos” para melhorar a educação direcionando planos como o PDE e o IDEB (à

espelho de empresas separadas por rankings).

Após a menção (e análise dos efeitos dessas ações em relação à educação), pode-se perceber que, em muitos casos, a visão de qualidade está muito associada a uma visão de mercado, utilitarista, que não leva em consideração os sujeitos que fazem parte do processo educacional, inclusive algumas das ‘políticas públicas’, nem consideram a democratização e participação dos membros envolvidos no processo educativo (pais, professores, comunidade em geral) e os fatores intra e extraescolar implicados na implantação de tais iniciativas. Muitas vezes

[...] vivencia-se, no país, um conjunto de ações, de modo parcial ou pouco efetivo, sob a ótica da mudança educacional, mas que, de maneira geral, contribui para desestabilizar o instituído, sem a força política de instaurar novos parâmetros orgânicos à prática educativa. (DOURADO, 2007, p. 926).

Assim, Machado (2012) aponta para a pertinência de distinguirmos ‘qualidade de educação’ e ‘qualidade de ensino’, sendo a educação algo mais amplo, visado a partir da relação social dentro e fora da escola que leve em consideração todos os envolvidos no processo educativo, inserindo o conceito de educação, portanto, no bojo das relações sociais. Em relação ao ‘ensino’, para o autor (idem) se trata de um ambiente mais restrito, mas não menos importante, já que se torna necessário pensar na relação entre os sujeitos envolvidos nos ambientes (formais e informais) de aprendizagem.

Outro aspecto a ser mensurado é o fato de que se a padronização de políticas públicas é necessária por causa das dimensões do país e de melhor gerenciamento de perspectivas e traçado de metas mensuráveis em uma nação, ela pode correr o risco de podar as particularidades de cada instituição e colocar para escanteio as pessoas inseridas na comunidade escolar em ambientes

de gestão e participação das ações voltadas para a escola.

Para Machado (2012) uma definição de qualidade deve levar em consideração quatro pontos a ser considerados: 1. Concepções referentes à utopia ou ideais de sociedade que se pretende sustentar e construir. 2. No tocante ao ensino/aprendizagem, devem-se levar em consideração as utopias e perspectivas da sociedade por parte dos agentes sociais. 3. Refere-se às condições materiais e infraestruturais necessárias. 4. Deve-se levar em consideração a ação dos agentes sociais, através de sua organização e explicitação de anseios e posicionamentos junto ao espaço escolar.

Portanto, pensar a qualidade da educação seria pensar em alternativas que não diminuíssem a democratização de gestões efetivas constituídas a partir da participação da comunidade escolar. Para que isso ocorra é necessário “promover a construção coletiva de uma educação de qualidade (MACHADO, 2012, p. 212)”. Trata-se de pensar em alternativas que não aumentem

[...] o distanciamento dos marcos legais que preconizam o princípio da gestão democrática e dos processos de participação subjacentes a esta, bem como a importância da efetivação de projeto pedagógico pelas unidades escolares, com base na regulamentação democrática pelos sistemas de ensino. (DOURADO, 2007, p. 932)

Além desse ponto de vista da gestão democrática (em que várias pessoas participem dos processos de gestão), é preciso ampliar, conforme defende Gadotti (2013), o conceito de educação. Ela deve passar então a ser percebida pelo viés da equação qualidade + quantidade. Isso porque é necessário construir uma ‘nova qualidade’ que atenda a todos. Pensar em um conceito de qualidade que atenda a todos significa pensar na melhoria da vida das pessoas em geral. É preciso perceber que a qualidade do aluno, do professor,

da comunidade são fios que se entrelaçam. Por isso, falar em qualidade implica em pensar em um contexto amplo, de teor complexo: porque não existe qualidade dentro da escola se não houver qualidade fora dela. (GADOTTI, 2004).

É por isso que para a UNESCO (2001, p. 1),

[...] a qualidade se transformou em um conceito dinâmico que deve se adaptar permanentemente a um mundo que experimenta profundas transformações sociais e econômicas. É cada vez mais importante estimular a capacidade de previsão e de antecipação. Os antigos critérios de qualidade já não são suficientes. Apesar das diferenças de contexto, existem muitos elementos comuns na busca de uma educação de qualidade que deveria capacitar a todos, mulheres e homens, para participarem plenamente da vida comunitária e para serem também cidadãos do mundo

Ao final de nossa jornada chegaremos ao lugar de onde partimos...

Apresentamos, no presente trabalho, algumas considerações sobre os aspectos a serem levados em consideração ao se pensar na qualidade de educação brasileira. Procuramos ampliar a noção de qualidade para que se pudesse perceber que essa noção está propensa a deslocamentos e sofre (re)direcionamentos com frequência, de acordo com os contextos em que se almeje fazer dela realidade.

No final de deste percurso, esperar-se-á que o trabalho tenha proporcionado novas visadas acerca do tema e uma costura diferente de fios já tecidos sobre o mesmo. A miscelânea de autores e obras aqui mencionados vai ao encontro das necessidades do universo atual em que, muitas vezes, se defende conceitos sem pensar na relação destes com os contextos em que eles se inserem, como se a própria noção de qualidade se

justificasse por si mesma. É preciso pensar sobre que padrões essa qualidade está assentada, quem define estes padrões e a quem eles atendem, bem como que estruturas de poder beneficiam.

Chauí (2000) critica o sentido de qualidade no contexto universitário, por exemplo, definida como competência e excelência, em que se deve objetivar o atendimento às necessidades de modernização da economia e o desenvolvimento social em que a produtividade é a lei central, que se baseia na quantificação daquilo a universidade produz e a relação da quantidade daquilo que produz com o tempo que leva para fazê-lo.

Desse modo, considerar “o que se produz, quanto se produz e em que velocidade isso ocorre só faz operar uma inversão tipicamente ideológica da qualidade em quantidade” (Chauí, 2000, p. 217). No contexto educacional brasileiro, e em relação às iniciativas que buscam a qualidade da educação brasileira não é muito diferente. Essa lógica produtivista faz a qualidade, por vezes, ficar em segundo plano. Nada mais paradoxal em um contexto em que tanto se fala em alcançá-la...

Referências Bibliográficas:

AGORA, a Qualidade. In: **Revista Nova Escola**. Disponível em: <[http:// revistaescola.abril.com.br/edições-impresas/239.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/edições-impresas/239.shtml)>. Acesso em 25 set. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional da Educação (2011)**. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em 22 ago. 2013.

_____. **Plano de Desenvolvimento da Educação**. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em 23 jul. de 2011.

BUFA, Esther; NOSELLA, Pablo. **A educação negada** – Introdução ao estudo da educação

contemporânea. São Paulo: Cortez, 1991.

CHAUÍ, Marilena. A universidade em ruínas. In: Trindade, Helio (org.). **Universidade em ruínas: na república dos professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, pp. 211-222.

CURY, C.R.J. A educação básica no Brasil. In: **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 80, p. 169-201, set. 2002.

DOURADO, L.F.; PARO, V.H. **Políticas educacionais e educação básica**. São Paulo: Xamã, 2001.

DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. **A qualidade da educação: conceitos e definições**. Brasília, DF: INEP, 2007.

DOURADO, L.F. **Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas**. In: Educação e Sociedade. Campinas, vol. 28, nº 100, out 2007, p. 921-946.

FERREIRA, N.S.C.; AGUIAR, M.A.S. (Org.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 320p.

FERREIRA, N.S.C. (Org.). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006a. 119p.

FERREIRA, N.S.C. (Org.). **Políticas públicas e gestão da educação: polêmicas, fundamentos e análises**. Brasília, DF: Liber Livro, 2006b.

FONSECA, M.; TOSCHI, M.S.; OLIVEIRA, J.F. Educação, gestão e organização escolar: concepções e tendências atuais. In: FONSECA, M.; TOSCHI, M.S.; OLIVEIRA,

J.F. (Org.). **Escolas gerenciadas: planos de desenvolvimento e projetos político-pedagógicos em debate**. Goiânia: UCG, 2004a. p. 21-34.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Ática, 2004.

GADOTTI, Moacir. Qualidade na educação: uma nova abordagem. In: **Congresso de Educação Básica: Qualidade na aprendizagem**. Florianópolis, 2013. Disponível em http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2013_16.22.16.85d3681692786726aa2c7daa4389040f.pdf acessado em 24 de setembro de 2013.

LIMA, L.C. **A escola como organização e a participação na organização escolar**. 2. ed. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, 1998.

LUCE, M.B.; MEDEIROS, I.L.P. **Gestão escolar democrática: concepções e vivências**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

MACHADO, Luís Carlos. A (in) sustentabilidade da qualidade e da gestão democrática na educação brasileira. In: **O público e o privado**, nº 19, janeiro/junho 2012.

OLIVEIRA, D.A. **Educação básica: gestão do trabalho e da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Dalila; ROSAR, Maria de Fátima Feliz (orgs.). **Política e Gestão da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da Educação Brasileira – a organização escolar**. São Paulo: Autores Associados, 2000.

SOUZA, A.R.D. Os caminhos da produção científica sobre a gestão escolar no Brasil. In:

Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 13-39, jan./jun. 2006.

UNESCO, 2001. Los países de América Latina y el Caribe adoptan la declaración de Cochabamba sobre educación. In: **Anais da Oficina de informação Pública para América Latina y Caribe**. Disponível em <http://www.iesalc.org> acessado em 20 de novembro de 2013.

UNESCO, 2005. **Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014)**. Brasília: Unesco.

VALENTE, Ivan. **Plano Nacional de Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Artigo enviado em: 10/12/2016

Aceite em: 10/01/2017